



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

CRISTIANE SANTANA CHAGAS

**ARTE E EDUCAÇÃO:
A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL E
PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LONDRINA
2009

CRISTIANE SANTANA CHAGAS

**ARTE E EDUCAÇÃO:
A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL E
PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual de Londrina.

Orientador(a): Prof. Ms. Gilmara Lupion
Moreno

LONDRINA
2009

CRISTIANE SANTANA CHAGAS

**ARTE E EDUCAÇÃO:
A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL E
PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Orientadora: Ms. Gilmara Lupion
Moreno
Universidade Estadual de Londrina

Prof^ª. Ms. Andréia Maria Cavaminami
Lugle
Universidade Estadual de Londrina

Prof^ª. Ms. Cristina Nogueira de Mendonça
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de ____.

Às crianças... autênticos “arteiros”, seres infinitamente capazes de criar, expressar-se e enfeitar o mundo com a sua arte.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu vida e nela me conduziu com o seu amor infinito para que encontrasse a força necessária para superar todos os desafios.

À minha família, aos amigos e ao meu namorado pelo carinho e compreensão nos momentos mais difíceis destes anos de formação.

A todos os professores que durante a graduação contribuíram para minha formação acadêmica, de modo muito especial a minha orientadora neste trabalho, a professora Ms. Gilmara Lupion Moreno pela sua dedicação e preciosa atenção e cuidado.

A todos que direta ou indiretamente ajudaram para que a realização deste árduo e valoroso trabalho se concretizasse.

CHAGAS, Cristiane Santana. **Arte e Educação**: A contribuição da arte para a Educação Infantil e para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. 2009. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Considerando-se que as artes em suas diversas formas, entre elas a música, a dança, o teatro, as artes visuais e a poesia são elementos da cultura de uma sociedade e estão muito presentes na vida das pessoas, e que a escola deve atentar-se para a arte como meio de aprendizagem e como área de conhecimento, esta proposta de pesquisa apresenta a questão-problema: Qual a contribuição da arte para o ensino na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? O trabalho em questão justifica-se uma vez que as artes constituem elementos que despertam e expressam sentimentos, sentidos, imaginação e criação, porém, a sociedade, assim com a escola, está acostumada a encará-las somente como lazer e entretenimento. Este estudo tem por objetivo: pesquisar o papel que a arte desempenha na educação de crianças de 0 a 10 anos; e averiguar se a arte pode contribuir para um aprendizado menos pautado na transmissão de informações e que considere a expressão e a autonomia do aluno, nesses níveis de ensino. Em relação à metodologia de pesquisa, o estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica do tipo qualitativa. Em síntese, conclui-se que a arte é conhecimento e elemento de suma importância para o processo de educação de crianças de 0 a 10 anos, pois possibilita a construção de conhecimentos embasados na sensibilidade, na criatividade e na expressividade, e indica um caminho de superação do aprendizado baseado na codificação e cópia de informações.

Palavras chaves: Arte. Crianças. Educação. Escola.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Os Retirantes	35
Figura 2 – Garatujas (Guilherme Riquito 1 ano).....	38
Figura 3 – Garatujas (Marta Riquito 2 anos)	38
Figura 4 – Garatujas com formas reconhecíveis (Beatriz Riquito 3 anos).....	39
Figura 5 – Fase pré-esquemática (Beatriz Riquito 4 anos)	40
Figura 6 – Fase pré-esquemática (Sebastião Machado 5 anos)	40
Figura 7 – Fase esquemática (Helena 2º ano)	41
Figura 8 – Fase esquemática (Filipa 3º ano).....	41
Figura 9 – Fase esquemática (Mônica 4º ano).....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	12
1.1 A arte e os precursores da escola infantil	12
1.2 A arte e o referencial curricular nacional para a educação infantil	14
1.3 A arte e os parâmetros curriculares nacionais	18
2. A ARTE E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	21
2.1 A superação da mera transmissão de conhecimento.....	22
2.2 A contribuição da arte para a educação humana	25
3. A ARTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	29
3.1 A arte e o trabalho do professor na educação infantil e nos anos iniciais	32
3.1.1 Leitura e Releitura de Obras de Arte	33
3.1.2 Artes com a Natureza.....	36
3.1.3 Desenho	37
3.1.4 Ateliê	43
3.1.5 Teatro	44
3.1.6 Música e Dança.....	46
3.1.7 Poesia	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

A arte configura-se como um conceito difícil de definir, pois existem várias formas de enxergá-la e de explicá-la, porém, é possível selecionar algumas considerações sobre o assunto.

Duarte Jr. (1985) afirma que a arte é sempre uma criação de formas, as quais podem ser classificadas como estáticas ou dinâmicas. Entre as formas estáticas há, por exemplo, o desenho, a escultura e a pintura e como exemplo de formas dinâmicas, pode-se citar a dança, o teatro, o cinema, a música etc.

O autor ressalta, ainda, que a arte adquire significados também no âmbito sentimental, pois tem o poder de instigar sentimentos no espectador. Assim, a arte pode manifestar-se por meio de um grito, de um gesto, ou do choro, estabelecidos de forma harmônica, porém, não com a pretensão de oferecer conceitos, mas de incitar sentimentos.

Desvelando-se um pouco de seu significado, pode-se entender que a arte é um importante elemento cultural na vida das pessoas e, desse modo, é necessário que a escola atenda a esta demanda, pois é uma instituição co-responsável pela formação intelectual e humana das pessoas.

Assim, este trabalho aborda a arte no processo na educação da criança de zero a dez anos de idade. Nesta pesquisa procurou-se responder à *questão-problema*: Qual a contribuição da arte para a Educação Infantil e para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Conseqüentemente, perguntou-se: A arte pode contribuir para a superação da simples transmissão de conhecimentos ou informações, de forma mecanizada, na escola? E pode contribuir para a formação humana das crianças, se inserida no processo educacional?

O trabalho em questão *justifica-se*, devido à difícil tarefa de se conceituar a arte, para a qual se encontram várias explicações de diferentes áreas, o que torna instigante uma pesquisa sobre seus significados, sua essência, seu conteúdo, sobre sua função.

A arte está presente na vida do homem, diariamente, nas suas mais variadas formas, seja na dança, na música, na pintura, na literatura, na arquitetura, no teatro, no hip hop dos garotos, ou no grafite dos muros, entre outras

representações. Assim, de alguma forma, a arte se faz presente no cotidiano, mesmo que não se perceba.

A sociedade está acostumada a encarar e a vivenciar a arte somente como lazer e entretenimento, e, muitas vezes, como algo inútil. Pode-se observar através dos currículos das escolas, onde a educação artística é menosprezada, apesar de se encontrar, na arte, muito mais do que aparenta em sua forma de representação.

Há a necessidade de se incorporar, na educação das crianças de hoje, sentidos, sonhos, expressão própria e criação, que é justamente o que se constrói com a arte, seja como artista ou espectador. Não é possível que a audição de uma música, a leitura de um romance ou de uma história qualquer não cause um minuto sequer de contemplação, de pensamento profundo, pois instiga os sentidos, a imaginação e os desejos e causa inquietação.

A sociedade contemporânea, com suas características de homogeneização e de transformação constante em todos os setores das atividades humanas, não leva os indivíduos a refletir sobre os acontecimentos ou sobre si mesmos. A arte tem a função, dentre tantas outras, de superar os limites do tempo.

É nesse sentido que se defende a introdução da arte no âmbito educacional, especificamente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, fase em que se inicia a construção do saber, do fazer, do inventar, do apreciar, alicerce para a construção da vida.

Diante de tais considerações, buscou-se levantar, neste estudo, a importância da arte vinculada ao ensinar e ao aprender, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, as contribuições das artes para a vida, para o aprendizado e para a socialização do aluno, assim como, a influência da arte na formação intelectual e humana da criança. Conforme Freire:

Mulheres e homens somos os únicos seres que social e historicamente, nos tornamos capazes de *apreender*. Por isso somos os únicos em quem *aprender* é uma aventura criadora, algo por isso mesmo muito mais rico que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 1996, p.69).

Assim, o objetivo deste estudo é refletir sobre a importância da arte para o ensino e para a formação humana, num mundo marcado pela tecnologia e pela massificação, de modo a se buscar uma sociedade mais reflexiva, sensível e crítica.

Quanto aos *objetivos*, almejou-se: pesquisar sobre o papel que a arte desempenha na educação da criança, bem como, a sua contribuição na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; averiguar se a arte pode contribuir para a superação da simples transmissão de conhecimentos ou informações de forma mecanizada na escola; contribuir para a formação dos professores a fim auxiliá-los no desenvolvimento de projetos voltados para a utilização da arte na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

No que diz respeito à *metodologia*, este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Ludke e André (1986) explicam que a pesquisa qualitativa tem como características básicas o ambiente natural como fonte de dados, sendo o pesquisador seu principal instrumento. Em uma pesquisa qualitativa predominam os dados descritivos. A atenção volta-se muito mais para o processo do que para o resultado.

Pela pesquisa qualitativa pode-se levantar as perspectivas dos participantes, ou seja, pode-se conhecer as suas crenças e os seus pontos de vista, para, posteriormente, analisá-los, discuti-los e confrontá-los. A pesquisa qualitativa não tem a preocupação de buscar evidências ou provas para hipóteses definidas.

De acordo com Macedo (1994), pode-se definir pesquisa bibliográfica como a busca por informações ou como uma seleção de documentos que condizem ou se relacionam com o problema do trabalho de pesquisa. Segundo Alves (2003), a pesquisa bibliográfica é caracterizada pelo desenvolvimento a partir de livros, periódicos, artigos, entre outros, ou seja, a partir de fontes já elaboradas ou de “papel”, não exigindo que o pesquisador contemple, de forma direta, o seu objeto de pesquisa, porém, é necessário que os materiais utilizados sejam de fontes seguras e condizentes com o assunto tratado no trabalho de pesquisa.

O trabalho compreende três capítulos, sendo que o Capítulo I – “A arte na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental” apresenta ideias de precursores da educação infantil, que contaram com a arte em seus trabalhos com crianças no início do séc. XIX, quando surgiram as primeiras instituições de Educação Infantil. O capítulo também analisa o que propõe o Referencial Curricular

Nacional para a Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a arte na educação de crianças.

O Capítulo II – “A arte e a construção do conhecimento” elenca dois tópicos, sendo que o primeiro busca, através de ideias de alguns autores, explicar a arte como meio de superação da transmissão mecânica de informações na escola. O segundo tópico busca subsídios para fundamentar, na arte, o processo de ensino, de modo a priorizar uma formação mais humanizada para crianças de 0 a 10 anos.

E por fim, o Capítulo III – “A arte e a formação de professores” apresenta a necessidade de preparação e formação contínua para o professor de educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como, a importância da vivência e do estudo da arte em seu processo de formação e atuação profissional, como área de conhecimento e enriquecimento cultural. No mesmo capítulo, foram selecionadas algumas sugestões de atividades e encaminhamentos de como possibilitar que as crianças aprendam e vivenciem a arte em seu processo de educação.

O presente estudo pretende contribuir para a formação do profissional de educação, auxiliando-o na sua atuação junto às crianças. Espera-se que os temas aqui discutidos possam desencadear reflexões e atitudes que se traduzam como melhoria da qualidade do ensino de crianças desde a sua mais tenra idade.

1 A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Entre tantas linguagens, experiências humanas, saberes adquiridos no decorrer da história, “a arte – quatro letras: a língua do mundo” – é a linguagem de um idioma que desconhece fronteiras, etnias, credos, época. (Carolina de Souza Matos)

A criança revela, através do seu modo de pensar, agir e interagir com os outros, a sua capacidade imensa de buscar, de explorar, de criar e aprender. A criança é um ser curioso e apto a explorar sempre. Neste sentido, no contexto escolar, ela precisa vivenciar situações que estimulem e despertem ainda mais a sua curiosidade, para que possa revelar as suas características, externar as suas dificuldades, os seus sentimentos e os seus talentos e expressões próprias.

A arte tem um papel importante no processo de educação da criança por incorporar sentidos, valores, expressão, movimento, linguagem e conhecimento de mundo, em seu aprendizado. A arte é uma linguagem que se manifesta de várias formas, ou seja, pela dança, música, pinturas, esculturas, teatro, entre outras; em todas as suas formas, sejam elas dinâmicas ou estáticas, a arte sempre expressa ideias e sentimentos, isto é, sempre tem algo a dizer.

Para Gullar (2006), o mundo que o artista cria parte das suas experiências, daquilo que ele consegue enxergar no mundo, na sua cultura. Sendo assim, a arte parte sempre de dentro do indivíduo, trazendo uma bagagem de sentimentos, interesses, valores e conhecimentos. Como não considerar importante, para o desenvolvimento educacional e social de crianças, este resgate do interior do ser humano viabilizado pela arte?

1.1 A arte e os precursores da escola infantil

A importância, bem como, a relevância da arte na infância encontra-se presente desde as propostas para as primeiras instituições de educação infantil, elaboradas por seus precursores.

Froebel (1782-1852), educador alemão, influenciado por um ideal político de liberdade, criou um jardim de infância, em 1837, considerado, por ele, como um espaço onde as crianças e os adolescentes estariam livres para aprender sobre si e

sobre o mundo. Em seu método pedagógico, utilizou-se da música para educar as sensações e as emoções; enfatizava a participação em atividades de livre expressão através da música, dos gestos e montagens com papéis e argila. Para Froebel, tais atividades possibilitavam que a criança expressasse seu mundo interno, como forma de conseguir ver-se e, assim, modificar-se, através da auto-observação (OLIVEIRA, 2007).

Tais atividades eram chamadas, por Froebel, de “ocupações”; o manuseio de papel, em atividades como cortar, dobrar, costurar, desenhar, pintar, e a modelagem em argila permitiam que as crianças se expressassem artisticamente.

Outro precursor foi Pestalozzi (1746-1827), educador que sustentava, em sua pedagogia, uma educação preocupada com a afetividade da criança. Segundo ele, assim como na família, a bondade e o amor são essenciais no ato de educar. Utilizou-se de atividades musicais e de outras formas de artes para adaptar seu método aos diferentes níveis de desenvolvimento dos alunos (OLIVEIRA, 2007).

Célestin Freinet, professor francês que iniciou seus trabalhos em 1920, foi um dos primeiros importantes precursores da educação para as crianças e um dos grandes entusiastas da inclusão da arte nos currículos escolares.

Sampaio (1994) relata que Freinet observava muito as crianças e percebia que elas estavam interessadas no que acontecia lá fora e não no imobilismo existente dentro da sala de aula. Era preciso, então, trabalhar a espontaneidade da criança, e foi o que Freinet fez por meio das aulas-passeios. Após os passeios os alunos faziam relatórios sobre o que haviam observado nos mesmos. Assim, ele desenvolveu uma nova técnica, que abolia a monotonia das leituras dos manuais obrigatórios e criava o texto livre, que preservava a livre expressão da criança, seus interesses, sentimentos e opiniões.

Logo após, o texto livre ganha a forma de texto impresso; além das trocas de experiências entre alunos e professores, com relatos de passeios e da vida cotidiana na sala de aula, surge uma outra técnica criada por ele, a correspondência escolar.

Em visitas realizadas na aldeia em que se instalava a escola, as crianças conheciam alguns artífices e seus trabalhos. Após as visitas, as crianças compunham poemas sobre aquelas pessoas. Aos poucos, o texto livre, ligado às experiências vivenciadas, oportunizava que as crianças se desenvolvessem, ao expressarem o que sentiram e aprenderam através também de uma arte, a poesia.

Freinet preocupava-se também, com as atividades artísticas em sua classe, pois realizava reuniões artísticas e recreativas, nas quais desenvolvia atividades musicais com as crianças; com uma máquina de cinema da época ele exibia filmes educativos e recreativos, além de criar peças infantis. Estas reuniões eram consideradas por Freinet tão essenciais quanto os estudos de História, Geografia, Matemática, Ciências, trabalhos na horta e marcenaria e o desenho livre, tratavam-se de um indispensável complemento em seu método. Para Freinet:

A livre expressão facilita a criatividade da criança, no desenho, na música, no teatro, extensões naturais da atividade infantil, progressivamente responsável por seus comportamentos afetivos, intelectuais e culturais. Eis aí um começo seguro para a conquista de uma vida adulta (FREINET apud SAMPAIO, 1994, p. 30).

Freinet enfatizava a atividade, a vivência na prática, a observação e a livre expressão como princípios norteadores de sua técnica como professor, para uma educação significativa e interessante para a criança. Juntamente a estes princípios, considerava, como essenciais, as vivências artísticas em sala de aula, considerando-as extensões naturais da vida infantil, portanto, ligadas ao seu desenvolvimento integral.

Desse modo, foi inegável a contribuição desses pedagogos para que se despertasse na sociedade, a conscientização da necessidade de uma educação formal, sistematizada, para crianças pequenas, e de que essa educação deve se embasar em atividades e experiências que propiciem a reflexão e a autonomia do aluno, por tratar-se de uma aprendizagem significativa.

1.2 A arte e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a educação Infantil se compõem-se de três volumes. De acordo com Filho (2001), o referido documento não possui caráter mandatário, mas se constitui de sugestões para professores que atuam em instituições de educação infantil. Desse modo, cabe às equipes pedagógicas das instituições de educação infantil a decisão de incorporar ou não as proposições apresentadas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a educação das crianças deve se dar em um contexto capaz de propiciar às crianças

o acesso a elementos culturais que contribuem para o desenvolvimento e para a interação das mesmas na sociedade. Somente um processo educacional embasado na interação social poderá contribuir para a construção da identidade do indivíduo, pois fundamenta-se no desenvolvimento afetivo, emocional e cognitivo.

O terceiro volume do documento, denominando “Conhecimento de Mundo”, está organizado por eixos de trabalho, sendo estes: Linguagem Oral e Escrita, Movimento, Natureza e Sociedade, Matemática, Música e Artes Visuais. Considerando-se que apresenta, como foco de estudo, a arte, nas suas diferentes linguagens, serão explorados, aqui, os eixos de trabalho “Música” e “Artes Visuais”.

Já na Grécia Antiga, a música era considerada essencial para a formação do cidadão. Por ter o poder de integrar aspectos sensíveis, afetivos, estéticos, cognitivos e de comunicação social. “A linguagem musical é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de um poderoso meio de integração social” (RCNEI, 1998, p. 49).

Ao se trabalhar variados repertórios musicais, possibilita-se às crianças a apropriação de novos conceitos. Assim, ao se identificarem ou não com determinada música, estarão desenvolvendo o autoconhecimento que lhes propicia a expressão de sentimentos, anseios, medos e interesses próprios.

Ao discorrer sobre a música na educação infantil, Ávila e Silva (2003) ressaltam que a música é inerente à natureza do homem. Desde recém-nascido, o indivíduo começa a emitir sons e a organizá-los como pequenas melodias. Também o RCNEI (1998) aponta que, precocemente, a criança estabelece contato com a música, por meio das canções de ninar, cantaroladas por membros da família, por exemplo. Sendo assim, já na mais tenra idade, em seu cotidiano, a criança internaliza noções de linguagem musical, as quais passam a fazer parte da sua bagagem de conhecimentos. Neste sentido, Ávila e Silva lembram que:

A música não é um fator externo em relação ao homem - provém do seu interior, é inerente à sua natureza. Ela está presente em todo universo, inspirando a expressão musical humana. Trata-se de uma *segunda linguagem materna*. Por esse motivo, toda criança tem direito a uma educação musical que lhe possibilite desenvolver o potencial de comunicação e expressão embutido nessa linguagem (ÁVILA e SILVA, 2003, p. 76).

Até o terceiro ano de vida, as crianças exploram qualquer tipo de som, e, para produzi-los, em suas primeiras tentativas, batem ou sacodem objetos; ao ouvir os diferentes ruídos que acaba por produzir começa a conhecê-los e a identificá-los. Nesta fase, elas conseguem integrar gestos, som e movimentos, momento em que se pode trabalhar atividades que exijam o envolvimento do canto, com a dança ou com gestos, por exemplo, o que favorece a expressão e o desenvolvimento motor e cognitivo.

Conforme o RCNEI, as atividades musicais direcionadas às crianças de 0 a 3 anos devem objetivar a audição de diferentes tipos musicais, visando ao desenvolvimento da percepção, da discriminação dos sons, da imitação e reprodução de sons e da invenção e criação de enredos musicais. Já em relação às crianças de 4 a 6 anos, pretende-se que explorem e identifiquem elementos da música para que se expressem, interajam e ampliem seu conhecimento de mundo, através da improvisação, interpretação e até composição de enredos musicais. Os conteúdos dentro da educação infantil em relação à música devem respeitar os níveis de percepção e desenvolvimento das crianças.

Para Ávila e Silva (2003), as atividades com música favorecem o trabalho de socialização, pois as crianças terão que cantar, de forma coletiva, interagindo com o outro nas de cantigas de roda. Elas estarão exercitando textos e ordenando pensamentos com as letras das músicas. Essa interação possibilitada pela expressão musical coletiva facilita e estimula relações de amizade.

Outro eixo do RCNEI fundamental é o que trata das Artes Visuais. As artes visuais compreendem a pintura, a escultura, o desenho, a fotografia etc. Atualmente, elas são muito presentes na educação infantil, porém, muitas vezes, não são exploradas as verdadeiras contribuições que elas podem trazer para o desenvolvimento da criança nesta fase.

Os trabalhos realizados com recursos das artes visuais, nas instituições de educação infantil, geralmente, enfatizam apenas as datas comemorativas, com a produção de lembranças para as mães e para os pais, cartões de Natal, Páscoa, entre outras, sendo considerados muitas vezes para passar o tempo, ou então, como um momento de lazer para as crianças, devido ao conceito criado pela sociedade de que a arte não é importante, mas somente uma forma de distração e lazer para as pessoas. Neste sentido, a RCNEI lembra que:

A presença das artes visuais na educação infantil, ao longo da história, tem demonstrado um descompasso entre os caminhos apontados pela produção teórica e prática pedagógica existente. Em muitas propostas as práticas de artes são entendidas apenas como meros passatempos. Em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha são destituídas de significados. Outra prática corrente considera que o trabalho deve ter uma conotação decorativa, servindo para ilustrar temas de datas comemorativas, enfeitar as paredes com motivos para os pais, etc. Nessa situação é comum que os adultos façam grande parte do trabalho, uma vez que não consideram que a criança tem competência para elaborar um produto adequado (RCNEI, 1998, p. 87).

Com essa visão errônea da arte na educação infantil, desvaloriza-se o fazer da criança, não dando importância à capacidade que ela tem de criar. Desse modo, para que as artes visuais propiciem suas reais contribuições, é necessário que as atividades sejam espontâneas, ativem a criatividade e valorizem a auto-expressão. Um trabalho assim irá integrar o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição favorecendo o desenvolvimento de criatividade na criança.

A construção da capacidade de criação na infância é uma forma da criança manifestar a sua compreensão da realidade que o cerca, de exercitar sua inteligência ao criar, alterar, organizar e reorganizar elementos plásticos, é uma construção do ser humano. Na sua interação com o mundo, ela vivencia inúmeros contatos com experiências estéticas que envolvem idéias, valores e sentimentos, experiências estas que envolvem o sentir e também o pensar e o interpretar. Portanto a linguagem visual faz parte da formação integral do indivíduo e não pode ser desconsiderada no contexto da educação infantil (MORENO, 2007, p.44).

No processo de criação, a criança faz escolhas, envolvendo suas experiências pessoais, ou seja, ao criar, ela relaciona o que aprendeu, em sua interação com as pessoas, com a natureza e com o mundo. Neste processo, segundo Duarte Jr. (1985), o educando elabora os seus próprios sentidos em relação ao mundo. Luna e Bisca, ao comentar a utilização de atividades artísticas no âmbito escolar, ressaltam que:

Valorizada como área de conhecimento, é também na arte que encontramos a liberdade para sentir e pensar criativamente nossa história, nossos laços afetivos e cognitivos, concretizando em formas e cores os sentimentos, as emoções e as conquistas (LUNA e BISCA, 2003, p. 129).

Em síntese, de acordo com o RCNEI, a aprendizagem com base em atividades artísticas, na educação infantil, deve garantir oportunidades para que as crianças de 0 a 3 anos ampliem seus conhecimentos na manipulação de diversos objetos e materiais, de forma que explorem suas características e propriedades, integrando, neste processo ativo, a comunicação e a expressão da criança.

Já na fase de 4 a 6 anos, as atividades artísticas devem: contribuir para a ampliação do conhecimento por meio da oportunidade de contato com obras de arte, o que propicia o interesse pelas mesmas; conhecer-se a si mesmo por meio de produções próprias; desenvolver o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de criação própria e pelo de outras pessoas.

1.3 A Arte e os Parâmetros Curriculares Nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte (1997) para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental descrevem, em sua apresentação, que a educação em arte propicia a ampliação da sensibilidade, da percepção, da reflexão e da imaginação. Para o documento, ao conhecer as artes, o aluno poderá se envolver de forma mais criativa com as outras disciplinas.

Como a arte é patrimônio da humanidade, e se manifesta nas diversas culturas, o aluno desenvolverá, através do contato com a mesma, a compreensão das diferentes culturas existentes, valorizando o que é próprio de sua cultura.

Os PCNs concebem a arte como objeto de conhecimento e como um conjunto de manifestações simbólicas de uma cultura, e fazem uma ligação entre a ciência e a arte, ao descrever que “para um cientista uma fórmula pode ser ‘bela’, para um artista plástico, as relações entre a luz e as formas “são problemas a serem resolvidos plasticamente” (PCN - Arte, 1997, p.27). Neste documento, aborda-se, entre as várias manifestações artísticas existentes, a música, a dança, as artes visuais e o teatro.

A dança é uma manifestação artística muito presente na cultura dos povos. Ela integra o pensamento, o sentimento e o corpo. Através da dança, a criança

estará desenvolvendo a atenção, a percepção e a cooperação e conhecerá seu o corpo e as suas possibilidades, numa atividade que lhe propicia o uso da criatividade e da espontaneidade.

A dança pode acontecer de forma individual ou coletiva. Individualmente, a dança será de valia para o conhecimento do corpo, para o desenvolvimento motor e para construção da autonomia, quando o aluno toma consciência da sua capacidade de movimento e de suas qualidades individuais. De forma coletiva, a criança poderá desenvolver a interação social, aprendendo a reconhecer semelhanças e diferenças entre pessoas e a respeitar as diversidades. A dança traz, em si, aspectos culturais próprios de um povo. Ela é parte de uma cultura e ao ser devidamente explorada na escola, possibilitará o conhecimento da cultura regional, nacional e de outros povos.

As artes visuais compreendem as criações próprias dos alunos, além da apreciação de outras obras. A criação abrange pinturas, modelagens, desenhos, esculturas, fotografias, produções informatizadas, além de construções bidimensionais e tridimensionais. A apreciação deve ser significativa, de forma que propicie: a convivência com produções visuais; reconhecimento de épocas históricas e do contexto em que uma obra foi produzida; a vida dos artistas e sua ligação as obras; e a mensagem que a obra revela ao aluno, de forma subjetiva, provocando o reconhecimento da importância das artes visuais na sociedade e na vida dos indivíduos. Segundo Moreno:

Propostas desta natureza têm como objetivo que a criança construa conhecimento na área de artes visuais, desenvolva a criatividade, apresente uma postura de pesquisa, demonstre senso crítico e faça a atualização de informações visuais com seu próprio trabalho (MORENO, 2007, p.40).

As artes visuais favorecem compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade e afetividade, construa conceitos e se posicione criticamente. Sendo a manifestação artística bastante presente na humanidade e considerando-se a música como uma segunda língua materna, vê-se a importância dos seus elementos no processo de desenvolvimento educacional e social da criança.

“Composição, improvisação e interpretação são produtos da música” (PCN - Arte, 1997, p.53). Envolver as crianças num processo que objetive tais construções é colocá-las frente a um desafio, num primeiro momento, talvez, difícil, mas

superável, que possibilitará a colheita de frutos valiosos. No contato com a música, a criança poderá criar e expressar-se, por análise, através da apreciação, do canto, da composição e manuseio de instrumentos musicais.

O teatro exige do homem “a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação.” (PCN - Arte, 1997, p. 57). No desenvolvimento da dramatização na escola, é preciso que se leve em conta os níveis de envolvimento que uma criança estabelece com a atividade. A atividade teatral evolui, gradativamente, da espontaneidade para o cumprimento de regras, e do plano individual para uma visão coletiva. Fundamentado em ideias, experiências e sentimentos, o trabalho teatral envolve os alunos na compreensão de si mesmos e dos outros, e no compartilhamento de emoções e valores, pois cada um se expressa através dos personagens vivenciados.

Pelo que foi até aqui levantado sobre a arte na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sobre a contribuição dos precursores da escola infantil, sobre os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte, pode-se avaliar a importância da vivência das artes no ensino de crianças de 0 a 10 anos.

Porém, a realidade observada nas escolas é a supervalorização de disciplinas relacionadas aos aspectos lógicos e à escrita, assim como, à memorização de informações, e a negligência em relação aos aspectos intuitivos e criativos que as artes proporcionam. Por esta razão, é evidente a necessidade de se promover mais atividades artísticas na escola, de se desenvolver projetos que envolvam a capacidade das crianças e de se realizar exposições que possibilitem a apreciação dos próprios alunos e da comunidade escolar, valorizando o criar e favorecendo a auto-estima dos alunos.

As artes incorporam um grande acervo de conhecimentos necessários à formação do indivíduo, contribuem para desenvolvimento expressivo, comunicativo, criativo e cognitivo e favorecem a interação social, fatores indispensáveis para o processo de educação na infância.

2 A ARTE E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

*Diga-me e eu esquecerei.
Ensina-me e eu lembrarei.
Envolve-me e eu aprenderei.
(Benjamim Franklin)*

Para se compreender como as artes, em suas diversas formas, contribuem para a construção do conhecimento humano, é necessário investigar o que é e como se dá a construção do conhecimento.

Segundo Moreno (2001), para se compreender o que é o conhecimento, é possível apoiar-se em variadas perspectivas, entre elas: a filosófica, a psicológica e a histórica. Conforme Sousa apud Moreno (2001), a perspectiva filosófica entende que o conhecimento é o resultado da apropriação, pelo homem, de dados empíricos e de ideias, na busca de entendimento da realidade.

Na perspectiva de Piaget (1980), o conhecimento configura-se como uma construção contínua de mediação entre o sujeito e o objeto, ou seja, entre o meio físico e o social. Nessa ação, o indivíduo constrói novas estruturas mentais, estabelecendo condições e capacidades próprias de conhecer.

Sendo assim, o indivíduo não aprende como se ele fosse um depósito de informações. No processo de construção de conhecimento, o indivíduo é sujeito ativo, só vai aprender significativamente se houver uma interação com o objeto.

Com base na teoria piagetiana, o indivíduo é sujeito do processo de construção do seu conhecimento e esse processo só é possível mediante a sua ação. É importante ressaltar que um trabalho artístico sempre carrega a marca do seu criador, ou seja, traz embutida, em si, a ação do sujeito que a criou, que é fruto de sua interação com o meio e com o próprio objeto criado. Nesse processo, o indivíduo é capaz de construir o entendimento de novos conceitos referentes a materiais e a técnicas utilizadas, o que se dá nas artes plásticas, na dança, no teatro, na música, e na produção de poesias. As Artes constituem atividades pelas quais o indivíduo é despertado para a criatividade, a qual se acentua com a prática.

Para Mitjás Martínez (2000, p. 54), “criatividade é o processo de descoberta ou produção de algo novo, que cumpre exigências de uma determinada situação

social, processo que, além disso, tem um caráter personológico”, ou seja, carrega aspectos da personalidade.

O ato criativo é um processo que sempre traz algo da pessoa que o executa. Uma pintura, por exemplo, por mais que uma pessoa tente fazê-la igual a uma outra, nunca o será, sempre apresentará algo diferente. Como processo de criação do novo, a arte favorece a superação, do que é igual, da reprodução, favorece o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa e criativa.

2.1 A superação da mera transmissão de conhecimento

A transmissão de conhecimentos ou informações permite que se conheça o que ainda não se conhecia. Não se pode negar que parte dos conhecimentos aprendidos e que um dia foram construídos, são transmitidos por pais, professores e amigos, conhecimentos estes que são alvo de indagações e de dúvidas, mas que, muitas vezes, são repassados, erroneamente, como verdades absolutas.

A transmissão é uma das formas de se propiciar a aquisição de conhecimento, mas não é a única e nem a melhor maneira de efetivar um processo de ensino/aprendizagem. Transmitir por transmitir, sem esperar que o aluno indague sobre o que ouviu ou leu, é mera transmissão de informação. Não refletir sobre o que se lê ou ouve é uma forma mecanizada de aprender. Por muito tempo, e ainda hoje, infelizmente, esta situação de ensino é realidade.

Incluir a arte no processo de ensino de crianças é um recurso eficiente para que o aluno desenvolva suas capacidades criativas. Entretanto, embora os precursores da educação de crianças tenham propagado, há muito tempo, ideias inovadoras de educação, que incentivam a criatividade e a espontaneidade, e muitas propostas de inserção da arte na educação tenham sido apresentadas, tais questões têm sido discutidas, há bem pouco tempo, no Brasil.

A educação artística só foi incluída no currículo, com obrigatoriedade, em 1971, pela lei 5.692, e ainda assim, o professor não estava preparado para isso. É notável a resistência e/ou o menosprezo ao objetivo de formar um aluno mais reflexivo e crítico de si e do mundo, por parte até mesmo de professores. (SANTORO, s/d).

O sistema educacional, de forma geral, volta-se para a reprodução do conhecimento, sendo assim, submete e limita o aluno, levando-o a não precisar

pensar. Deste modo, o conhecimento que se recebe é somente assimilado e reproduzido, pouco tempo e espaço se reserva para que o aluno desenvolva a criação e libere a imaginação.

Porém, sabe-se que existe uma razão para que isso aconteça, principalmente na escola pública, que encontra múltiplas dificuldades para desenvolver os conteúdos ditos básicos do ensino, por falta de estrutura física e pela escassez de recursos materiais e humanos, os maiores dificultadores de um trabalho diferenciado. O espaço e o tempo disponíveis para as escolas e para os professores, em muitos casos, não são adequados para a realização de um ensino totalmente voltado para os alunos (ALENCAR, 1990).

Para a autora, no sistema educacional brasileiro, o que se enfatiza, de modo exagerado, é a memorização, que se reflete negativamente na aprendizagem, não estimulando o aluno ao ato de pensar. Outro obstáculo é a extensão do tempo, que é curto em relação ao conteúdo exigido, com isso, não se tem oportunidade de desenvolver atividades que exploram o potencial criador da criança.

Talvez, um dos motivos que têm levado as escolas a conduzir o ensino de acordo com tais moldes, tenha sido o modo como a ciência foi construída ao longo dos anos, cuja ênfase está na racionalização em detrimento do que é subjetivo no homem: o sentimento e a intuição. Porém, sabe-se que a educação é uma instituição humana, portanto, carregada de subjetividade, que só se pode sentir e não medir.

De acordo com Tozetto (2005), a sociedade vive um conflito entre o útil e o agradável, o que leva o homem a fazer separações entre sentimentos/emoções e raciocínio/conhecimento intelectual, e a refletir que as emoções podem atrapalhar o desenvolvimento intelectual do homem. A escola, assim como a sociedade de modo geral, trabalha a favor dessa ideia, reservando pouco espaço, tempo e oportunidade para fluência de sentimentos e emoções, prejudicando, desse modo, o desenvolvimento integral do homem.

Mitjans Martinez (2000, p. 57) entende que “a atividade criativa é aquela de um sujeito que precisamente no ato criativo, expressa suas potencialidades de caráter cognitivo e afetivo em uma unidade indissolúvel... condição indispensável para o processo criativo”.

Como já foi discutido, a valorização da lógica e da razão, em detrimento do sentimento e da intuição, funciona como barreira cultural ao potencial criador do

indivíduo (Alencar, 1990). A sociedade atual se revela cada vez mais racional, o que obstaliza o desenvolvimento da imaginação, pois o sentimento, a intuição e a sensibilidade são considerados como empecilhos para a aprendizagem do que realmente interessa no contexto da contemporaneidade. Porém, usando a imaginação, o homem constrói sonhos e trabalha em favor de mudanças na sua realidade. Para Duarte:

A arte se constitui num estímulo permanente para que nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se. Pela arte a imaginação é convidada a atuar, rompendo o estreito espaço que o cotidiano lhe reservava. (DUARTE JR, 1985, p.67)

Assim, a inclusão da arte no currículo escolar se justifica pela sua capacidade de conscientizar os alunos de suas potencialidades e habilidades criativas. As artes contribuem, também, para o desenvolvimento da personalidade e do espírito crítico de si e do mundo, conforme ressalta Santoro (s/d) em seu artigo “Uma luta por um ensino menos mecanizado”.

Liberar as potencialidades criadoras do indivíduo é condição fundamental para uma verdadeira educação. O ato de criar pressupõe um ato de autonomia, pois não há como criar sem autonomia. As atividades artísticas provocam o “pensar com autonomia”, portanto, as artes desempenham um papel importante para o desenvolvimento autônomo da criança.

Segundo Mosquera (1976, p. 121), o objetivo maior do ensino, por meio da arte, para as crianças, “é a compreensão e o valor da criança como ser criador”. Sendo a criação um ato espontâneo, de livre expressão, partirá sempre da autonomia do indivíduo. Portanto, propiciar o ato criativo é desenvolver a autonomia. Em seu significado, autonomia pressupõe uma libertação, uma independência, ou seja, ser autônomo é não mais estar preso ao que é do outros, à cópia, à repetição; para ser autônomo, o indivíduo necessita muito mais do que simplesmente memorizar ou copiar.

Por esta razão, a arte tende a desencadear, na educação de crianças, um processo de fazer próprio, de almejar o que está dentro de si, a partir do que se vivencia socialmente, de buscar não somente a memorização e repetição do que se ouviu ou leu, mas a criação.

Para Mosquera (1976, p.122), o fazer artístico configura-se sempre como “uma atitude criativa, a estagnação significa sua pobreza e morte”. Assim, o fazer arte sempre traz ao indivíduo o sentido de criar, criar é gerar algo novo, mesmo que este parta de alguma outra referência já criada, ela sempre será recriada, portanto assim como a arte, o conhecimento não pode nunca estagnar-se.

Se o processo educacional se estagna no que diz respeito à ideias e propostas de aprendizado, isso implica em pobreza, sua morte, ou seja, ele não terá sentido de existir em uma sociedade que está em constante mudança, mudança esta gerida pelo próprio homem. Tendo a educação a função de possibilitar ao homem o viver e o transformar a sua sociedade, deve-se, então, caminhar para a transformação e não para a estagnação. Reproduzir o que se construiu até hoje, sem proposições de novas criações, acabaria por gerar estagnação social, o que pode traduzir-se como morte.

2.2 A contribuição da arte na educação humana

O homem constrói suas concepções, seus valores e suas crenças, a partir de suas experiências, de suas ações. O seu modo de ver o mundo e agir nele vai se formulando ao longo de sua vida, a partir daquilo que o indivíduo vivencia no dia-a-dia, no meio em que está inserido. Conforme Severino:

Está definitivamente superada a idéia metafísica de que o nosso modo de ser se definiria por uma essência, entendida esta como um conjunto de características fixas e permanentes, ideia consagrada pelos filósofos antigos e medievais quando afirmavam que o agir decorre do ser... Mas justamente aqueles aspectos pelos quais somos especificamente humanos são aspectos que não estão dados *a priori*, eles são construídos graças a nossa prática (SEVERINO, 2006).

A educação exerce um papel primordial no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Por essa afirmação, é fácil perceber que o futuro de um aluno que é instigado, que desenvolve a criatividade e o pensamento crítico, tem perspectivas melhores de inserção na sociedade, pela possibilidade de conscientizar-se do seu lugar de cidadão.

A realidade atual apresenta-se, muitas vezes, violenta e hostil, carregada de desumanidade e destruição, e todos, crianças e adultos, tornam-se vulneráveis

neste contexto. Kramer (2003) reflete sobre essa realidade, entendendo-a como uma barbárie e defende que, para a superação da mesma, a educação deve se dar numa perspectiva que conduza os educandos para uma humanização, de modo que se estabeleçam experiências de socialização, de trabalho coletivo e de valorização de si e do outro. É preciso formar o homem para que ele seja capaz de ler e escrever o mundo em que vive, isto é, para que ele tenha condições de analisar a realidade e, assim, criar estratégias para modificá-la no que for preciso, de modo que o mundo se torne um espaço de partilhamento de cultura e de construção da paz.

Segundo Kramer (2003), a cultura é uma junção de tradições, costumes, valores, história e experiências que se manifestam por meio das danças, das roupas, da música, das festas etc. A autora entende que a criança precisa conhecer e vivenciar a cultura na qual está inserida, para, a partir daí, poder fazer parte da construção cultural, que é dinâmica e, assim, está em constante transformação. As artes partem das manifestações culturais, desse modo, é importante que as crianças as vivenciem e produzam, pois, assim, podem reconhecer-se como também produtoras dessa cultura.

Porém, para tanto, é necessário que a criança tenha oportunidades de desenvolver a criatividade e a expressão livre, e que, neste processo, ela possa se conhecer e conhecer os outros, formando-se integralmente. As artes, em todas as suas modalidades, exploram, inevitavelmente, a expressão, a criatividade, a imaginação, a intuição e a sensibilidade de uma pessoa.

As artes plásticas assumem um papel de grande relevância para o processo de aprendizagem e socialização da criança. Nesse sentido, Bessa ressalta que:

Quando a criança pinta, desenha, modela ou constrói regularmente, a evolução se acelera. Ela pode atingir um grau de maturidade de expressão que ultrapassa a medida comum. Por outro lado, a criação artística traz a marca de uma individualidade, provoca libertação de tensões e energias, instaura uma disciplina formativa, interna de pensamento e de ação que favorece a manutenção do equilíbrio tão necessário para que a aprendizagem se processe sem entraves, e a integração social sem dificuldades (BESSA, 1972, p. 13).

A livre expressão é um meio pelo qual se revela a essência da personalidade, pois subentende exteriorização e representação. Apesar da espontaneidade quase sempre presente na criança, a realidade social e material não

possibilitam que a mesma expresse as suas realidades subjetivas. Através da pintura, desenho, esculturas e outras formas de artes plásticas realizam-se desejos, satisfazem-se necessidades e se afirma o Eu, ou seja, a pessoa se revela para si mesma. Assim, ao exercitar a expressão livre, a criança libera sua subjetividade e se conhece cada vez mais.

Para Alencar (1990), existem fatores que funcionam como repressão ao potencial criador, fatores estes que contribuem para a construção de uma visão limitada dos próprios talentos e potencialidades, dentre as quais, o medo da crítica e a ideia de que o talento está presente em poucos indivíduos. Segundo a autora, é a sociedade que inculca esses medos, através das crenças e valores estabelecidos, que são repassados, muitas vezes, e que, de forma gradual, atingem as crianças, por meio das proibições e repreensões exercidas pelos adultos.

São estas barreiras emocionais e culturais que inviabilizam a visão da arte como criação e não reprodução. Dentre as barreiras emocionais, a apatia, a insegurança, o medo, sentimentos de inferioridade e o autoconceito negativo, inibem uma forma de pensar mais inovadora e criadora.

Alencar (1990) define o autoconceito como a imagem subjetiva que cada um possui de si mesmo. O autoconceito constitui fator determinante daquilo que se é e caracteriza-se por facetas que podem ser mais positivas ou mais negativas, como exemplo: “Eu sou uma pessoa habilidosa, mas sou uma pessoa muito tímida”. Este exemplo apresenta características positivas e negativas da personalidade de uma pessoa, porém, existem pessoas que possuem um autoconceito totalmente negativo.

Em relação a essas barreiras emocionais, é possível efetuar mudanças, e o professor tem um papel importante no sentido de propiciar as condições favoráveis para o desenvolvimento de habilidades e talentos dos alunos. Não desconsiderando as diversas atividades pelas quais se pode realizar tal estímulo, é importante salientar que as artes possibilitam o reforço de estímulos positivos para a construção de um autoconceito que valorize muito mais as habilidades do que as dificuldades, contribuindo, desse modo, para a elevação da auto-estima dos alunos.

A educação não se limita à estruturação e à apropriação de conhecimentos técnicos, históricos, matemáticos, geográficos, entre muitos outros tão necessários para a formação humana, mas compreende também o objetivo de humanizar, de favorecer o crescimento intelectual, emocional/afetivo e cultural da criança, no

sentido de que esta possa incorporar valores como solidariedade, inquietude e desejo de mudança, sensibilidade, sentido e vida.

3 A ARTE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Antes eu desenhava como Rafael, mas precisei de toda uma existência para aprender a desenhar como as crianças. (Picasso)

Ao dissertar sobre a importância da arte na educação de crianças, é também necessário abordar sobre a atuação do professor neste contexto, sobre sua importância no aprendizado e desenvolvimento dos alunos, assim como, sobre sua formação nesse processo.

Para exercer qualquer profissão ou função é necessário que se tenha preparo para o cargo. Na docência não é diferente. Para que possam realizar um trabalho de qualidade com as crianças, os professores de educação infantil e dos anos iniciais precisam estar em constante reciclagem teórica e metodológica, numa busca pelo aprimoramento da prática pedagógica.

A cultura é construída e transmitida por meio das relações que se estabelecem socialmente, inclusive em sala de aula, assim, professores e alunos também são produtores e assimiladores de cultura (Lopes, 1999), e de acordo com Ketzer:

Ter cultura independe de ter erudição, trata-se de uma condição inerente a todo ser vivo que, com suas experiências, produz significados individual e coletivamente no conjunto de atores sociais de seu tempo (KETZER, 2003, p. 12).

Conforme Martins Filho (2005), a criança, com suas brincadeiras, sua forma de compreender o mundo, seu modo mágico de pensar e sua construção individual como pessoa também produz cultura. Neste sentido, considera-se:

[...] suas manifestações como provenientes de uma cultura própria da infância, seja sob a forma como as interpretam e interagem, seja nos efeitos que nelas produzem, a partir de suas próprias práticas... formas de ação social próprias deste grupo, ou seja, maneiras específicas de ser criança (MARTINS FILHO, 2005, p. 19).

O professor não é somente o produto, o resultado de um curso de licenciatura. A formação do professor não se constrói de uma só vez, mas é um

processo constante, contínuo, que se dá ao longo da sua formação e da sua atuação como professor, da sua vivência na prática, assim como, nas relações e desafios que encontra em seu trabalho com as crianças, nas necessidades visíveis e não-visíveis que elas apresentam ou deixam transparecer em seus comportamentos, e na conscientização progressiva sobre o que é realmente importante que as crianças vivenciem, aprendam e construam como sujeitos da história e da cultura.

“Assim, parece inconcebível que os professores favoreçam a construção de conhecimento se não são desafiados a construir o seu” (Lopes, 1999, p. 117). É importante que o professor tenha conhecimento da relevância de se trabalhar as diversas artes com as crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, porém, é fundamental que tenha preparo para desenvolver atividades de forma adequada, de modo que as artes sejam trabalhadas nos seus diversos aspectos: afetivo, cognitivo, sensível, intuitivo e social (RCNEI, 1998).

Para tanto, é necessário que o professor busque conhecer obras de arte, a vida dos artistas, o contexto em que essas obras foram criadas, suas características mais marcantes, assim como, é preciso conhecer as diversas técnicas utilizadas em pintura, desenho, escultura e, da mesma forma, na música, na dança e no teatro.

Envolver a arte no processo educacional de crianças para buscar uma educação significativa para elas, não se limita apenas em incluí-la em um currículo. Para Lavelberg (2003), a arte não pode ser encarada como mágica. Portanto, para provocar um desenvolvimento educacional mais rico e significativo entre as crianças, é necessário que se reconheça a importância do envolvimento do educador e da instituição escolar.

Segundo Guimarães, Nunes e Leite (1999), experiências com artes plásticas, teatro, dança, música, fotografia, cinema, literatura, entre outras, não podem estar desvinculadas da formação do professor, pois, assim como todo cidadão, ele tem direito de vivenciar conhecimentos múltiplos da sua e de outras culturas. Conforme os autores, é preciso enfatizar que muito mais necessário se torna o contato com experiências desta natureza para o profissional que estará envolvido diretamente com cidadãos que estão em processo inicial de construção cognitiva, afetiva, social, física e cultural.

É comum muitas pessoas relatarem que não sabem ou não gostam de desenhar, que não sabem produzir trabalhos artísticos. Muitas vezes, o que produziram quando ainda eram crianças, parecia não agradar os outros. Ao se

analisar as razões possíveis para isso, pode-se chegar à conclusão de que não se trata o desenho e as pinturas como atividades que podem ser aprendidas através da cultura, mas de atividades construídas essencialmente por dons inatos (GUIMARÃES; NUNES e LEITE, 1999).

A escola tem a sua parcela de responsabilidade na formação humana, na construção sensível do olhar sobre o pensar e do olhar sobre o mundo. A escola não é somente espaço para se aprender a ler, escrever e fazer contas e deve ir além do que é imediatamente utilizável. Assim, é preciso que a escola se comprometa com a sensibilização das crianças, ou seja, que oportunize experiências novas de descobertas e que possibilite a expressividade do aluno, permitindo que ele conheça a si mesmo e olhe para aquilo que o cerca com curiosidade e sentimento.

No entanto, isso só será possível no espaço escolar, se os seus educadores também passarem por esse processo, pois “o caminho da maturidade parece afastá-los do ser poético – precisam ser sensibilizados para que possam resgatar em si, o ser da poesia, o olhar sensível, a expressividade, o potencial criador.” (DIAS, 1999, p. 178).

Esse processo de enriquecimento estético deveria se dar também na formação inicial do professor, porém, os vários saberes que compõem os currículos de formação do docente acabam por impedir a inclusão de conhecimentos relacionados às artes, entretanto, nada justifica esta ausência. Para preencher essa lacuna em sua formação, o professor pode buscar tais conhecimentos de forma independente ou coletivamente. Dias (1999, p. 179) comenta que essa busca pode ser pessoal ou em grupos de professores e que “os encontros devem ser realizados na própria instituição, sendo previstos também, visitas a museus, galerias de arte, ateliês e passeios pela cidade”.

Dessa forma, o professor estará ampliando seu entendimento sobre as diversas formas de arte, sensibilizando assim o seu olhar estético, permitindo-se novas experiências e potencializando a sua criação. Dias ressalta ainda que:

É preciso criar em nossos educadores o gosto pelo belo, pela arte, estimulando-os a frequentar museus, galerias de arte, centros culturais, espetáculos de música e dança. Dessa maneira estaremos contribuindo para a democratização do conhecimento e para a formação pessoal do educador que conseqüentemente, repercutirá na relação estabelecida por ele com seus alunos na qualidade do trabalho pedagógico por ele desenvolvido (DIAS, 1999, p. 188, 189).

Ao desenvolver o gosto pela arte, além de apurar a sua sensibilidade, o professor entrará em contato com diferentes obras e conhecerá o material utilizado para a criação das mesmas, o contexto histórico, político e social no qual foram produzidas e a vida dos artistas que as produziram. Assim, é possível que o professor se forme e se construa culturalmente para uma atuação que integre, no seu cotidiano com os alunos, um envolvimento maior com o patrimônio cultural, com a criação, com a expressão, com o olhar curioso e sensível, enfim com a liberdade.

3.1 A arte e o trabalho do professor na educação infantil e nos anos iniciais

A arte “constitui-se como experiência estética e humana, como área de conhecimentos que tem seus conteúdos próprios” (Borba e Goulart, 2007, p. 48). Nesse sentido, é preciso que o professor tenha como foco a dimensão cultural e estética e apresente, para os alunos, a vida dos artistas, o contexto em que as obras foram criadas, as técnicas utilizadas e os sentimentos expressos nessas obras, que carregam em si, a visão de mundo de seu criador.

Entre as atividades que possibilitam o conhecimento e a vivência da arte como área de conhecimento necessária à formação humana, Borba e Goulart (2007) sugerem a participação em exposições culturais e artísticas, de vários gêneros e tipos, como visita a museus, a cinemas ou locais onde são apresentadas danças, peças teatrais ou músicas de vários compositores, de diversas épocas e gêneros. Pode-se propiciar o acesso a livros de arte, de literatura e biografias de artistas, entre muitas outras possibilidades de exploração cultural.

É importante considerar o que propõem documentos como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) para o trabalho com artes na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O RCNEI (1998) apresenta, como eixos de trabalho, a “Música” e as “Artes Plásticas”; para o mesmo, a música deve possibilitar às crianças a audição, a percepção, a imitação e a reprodução de sons, para que possam explorar e identificar os elementos da mesma e, assim, desenvolver a expressão, interação e a ampliação do conhecimento de mundo. O trabalho com artes plásticas, segundo o documento, deve considerar a competência da criança. As atividades devem possibilitar a espontaneidade. Sendo um elemento de suma importância para o

desenvolvimento do indivíduo, a linguagem visual possibilita momentos de construção que envolvem ideias, valores e sentimentos. As artes visuais devem envolver atividades como a pintura, a escultura, o desenho, a fotografia entre outras formas de artes plásticas.

Os PCNs – Arte (1997) propõem, como elementos de trabalho, a música, a dança, as artes visuais e o teatro, considerando-os como objetos de conhecimento e de manifestações culturais. Sugerem também que a dança pode ser vivenciada de forma coletiva e individual, sendo os dois modos importantes para o desenvolvimento social e da autonomia. O trabalho com as artes visuais deve propiciar uma apreciação significativa, ou seja, o desenvolvimento da percepção, a decodificação das mensagens e reconhecimento da importância da arte para a sociedade e para a história da humanidade. Na música, deve-se desenvolver a apreciação, o canto, a composição e o manuseio de instrumentos musicais. Para o teatro, é preciso que se considere o nível de desenvolvimento da criança, iniciando-se com trabalhos que valorizem a espontaneidade, evoluam até o cumprimento de regras e que partam do individual para o trabalho coletivo, considerando-se este, um processo gradativo.

Assim, com base nas contribuições dos autores lidos para a realização deste trabalho e nas pesquisas sobre as diferentes atividades possíveis de se realizar com crianças de zero a dez anos de idade, foram desenvolvidas algumas orientações e sugestões para o trabalho artístico na Educação infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

3.1.1 Leitura e releitura de obras de arte

Segundo Borba e Goulart (2007), as obras de arte podem representar muitas realidades, por isso, são formas artísticas que permitem a leitura do mundo. Elas carregam assuntos sociais, passíveis de análises e debates entre os alunos, o que possibilita o desenvolvimento do olhar e do pensamento crítico. Nesse sentido, as autoras propõem trabalhos com obras de arte, como os que foram desenvolvidos em uma escola em Niterói/RJ, com crianças de 3 a 5 anos. Porém, para que esse trabalho se torne possível, é necessário que o(s) professor(es) busque(m) inteirar-se do assunto e levar, para as crianças, obras de vários artistas (pinturas e/ou esculturas). O professor deve selecionar as obras que considere mais significativas

para o que tem em mente e pesquisar sobre a vida dos artistas selecionados, levando materiais sobre os mesmos (como catálogos, livros, CDs) para a sala de aula.

É importante, inicialmente, que as crianças ouçam as histórias de vida dos artistas e conheçam algumas de suas obras. Nesse processo, é fundamental que se busque identificar, nas obras, tendo como base a vida dos artistas, o que os artistas pretendiam representar e expressar, levando as crianças a observar os materiais utilizados, as cores, as texturas, e a forma como estes foram aplicados em seus trabalhos, e a comparar várias obras para o desenvolvimento da percepção das diferentes técnicas e expressões. Outra etapa importante deste trabalho é a releitura das obras através da elaboração, por parte das crianças, de suas próprias obras, além da elaboração de textos coletivos sobre os artistas e suas obras.

Segundo Moreno (2007), um trabalho dentro desta perspectiva foi realizado no Centro de Educação Infantil da Universidade Estadual de Londrina, através do Projeto Mestre das Artes: aprendendo Arte com Artistas Famosos. O projeto foi realizado com o objetivo: de favorecer a comunicação entre a criança e a arte; estimular a investigação, a experimentação, o desenvolvimento de habilidades, e a apreensão de conceitos das artes visuais para uma ampliação do conhecimento de mundo; despertar a observação e a leitura das expressões artísticas; criar condições para o desenvolvimento da livre expressão e da autenticidade, por meio de desenhos, pintura, modelagem e colagem, despertando, assim, o gosto e o cuidado pela produção artística.

Inicialmente, por meio de fotos e filmes, foi possível que as crianças conhecessem um pouco da família, da infância, dos amigos e das obras mais importantes dos artistas que foram selecionados pelas professoras para o projeto. Entre os artistas que as crianças puderam conhecer, estavam Van Gogh, Picasso e Alfredo Volpi. Além da leitura e apreciação de obras de arte através da observação, propôs-se a narração e a interpretação de imagens e objetos com a utilização de livros, revistas e da internet.

Após o primeiro processo de apreciação, as crianças puderam manipular diversos materiais (tintas, terra, água, argila, entre outros), em variados suportes (chão, parede, papel, papelão e caixas). Além disso, realizaram uma visita ao Museu de Arte de Londrina, a exposições de artistas plásticos e a um ateliê com direito a entrevista com o artista.

Parte muito significativa do projeto foi a mostra Criança & Arte, com a apresentação das telas produzidas pelas crianças. A partir da observação e contemplação, as crianças realizaram uma releitura de obras de artistas como Tarsila do Amaral, Van Gogh, Volpi, Michelangelo, Almeida Junior, entre outros, e elaboraram produções coletivas. Ao comentar a performance do projeto, Moreno salientou:

Acreditamos que o projeto tem alcançado seus objetivos, uma vez que os educadores e as crianças estão se comunicando e se expressando pela linguagem visual, bem como lendo o mundo que os cerca por meio de leituras e releituras de reproduções de obras famosas, nas visitas a exposições e ateliês (MORENO, 2007, p. 43).

Kherwald (2007) sugere possibilidades de leituras de imagem, no ensino fundamental, a partir dos quatro estágios propostos por Feldman, e como exemplo de trabalho, apresenta a Leitura da obra *Os Retirantes* de Portinari.



Figura 1 – Os retirantes
Fonte: Site: <http://www.google.com.br>

O primeiro estágio é a descrição, fase em que o professor pode estimular a percepção dos alunos em relação à cor, às linhas, ao título, à técnica, ao estilo e à época em que foi produzida, questionando, por exemplo: Quantas pessoas você vê

na imagem? Existem outros elementos? Que cores pode-se ver? São claras ou escuras? Quais efeitos o artista conseguiu produzir?

O segundo estágio é o da análise, que consiste numa observação mais apurada da obra, com objetivo de se identificar as relações, os contrastes e os efeitos produzidos pelas cores e formas. Neste sentido, pode-se indagar: É possível identificar algum movimento na pintura? As cores se contrastam?

O terceiro estágio é a interpretação, nesta fase, procura-se identificar as sensações e os sentimentos experimentados na leitura da obra. Assim, pode-se indagar: O que você sentiu ao observar a obra de Portinari? Que realidade está sendo expressa na imagem?

O quarto estágio é o do julgamento. É nesta fase que se deve estabelecer um diálogo sobre a importância da obra para as pessoas e para a sociedade e sobre a razão da obra ter sido produzida pelo artista. Pode-se questionar: Esta obra é importante? Por quê? Por que Portinari a pintou?

Kherwald (2007) propõe, também, a releitura de obras, ou seja, após a apreciação de algumas obras, os alunos podem expressar-se em relação às mesmas através do desenho, da pintura, do teatro ou da criação de personagens que dialogam entre si sobre problemas levantados pelo professor em sala de aula, como a migração, a posse de terras, a pobreza, a realidade de outros povos, como os da África, ou sobre a realidade brasileira. As questões não devem se limitar a estas, o professor pode compor questões diferenciadas, dependendo das obras selecionadas para as leituras e releituras.

Para o autor, um trabalho nesse sentido tende a propiciar à criança a produção, a leitura e o entendimento das obras, assim como, a reflexão e o repensar sobre a sua realidade histórica e social.

3.1.2 Artes com a natureza

As artes possibilitam o contato da criança com o mundo e as conduzem a um caminho de conscientização e, conseqüentemente, a posturas e atitudes conscientes sobre ele. Luna e Bisca (2003), no texto *“Fazendo artes com a natureza”*, apresentam uma experiência de união entre arte e meio ambiente, na qual se retira elementos da natureza para utilizá-los em construções artísticas. Com

pigmentos de folhas, flores, sementes, cascas de árvores, terra e alimentos em pó é possível fabricar tintas.

Folhas, sementes e cascas podem ser complementadas a líquidos naturais, tais como álcool de cereais, vinagre de maçã ou até mesmo água fervente. Elementos em pó (terras, ou alimentos em pó) podem ser adicionados à cola caseira (farinha e água), à cola branca e à clara de ovo. Para Luna e Bisca:

Manipular e descobrir novas formas de fazer tinta remete a criança às origens, à fonte, à essência, sendo estimulada a questionar o início de tudo, o início das cores, o nascimento das tintas. Esse conhecimento, também fonte de surpresa, alicerça-a culturalmente. (LUNA e BISCA, 2003, p. 135).

Depois de produzidas, as tintas podem ser aplicadas em papéis, tecidos e madeira e ainda podem ser agregadas a sementes, grãos, folhas, areias, frutos e cascas através de colagem. O envolvimento com a natureza, por meio da arte, faz com que a criança aprenda a dialogar com a realidade que a cerca e construir um olhar de respeito para com a mesma.

O desenho, o trabalho com a modelagem, a colagem, a música, a dança, entre outras atividades artísticas, estão sempre presentes na educação de crianças de 0 a 6 anos. Tais atividades são essenciais para o desenvolvimento cognitivo, físico e social da criança e o professor tem uma função importantíssima nesse processo, a função de mediar, conduzir e oferecer os estímulos necessários e adequados para que a mesma vivencie essas experiências de modo significativo.

A criança precisa ser entendida e respeitada em cada fase que vivencia, assim, de modo gradativo, a criança evoluirá em todos os aspectos; no aspecto motor, através dos gestos, movimentos e da fala, quando as palavras começam a sair, por exemplo. Nas expressões artísticas não é diferente, a começar pelas expressões gráficas.

3.1.3 Desenho

Segundo Aroeira (1996), a expressão gráfica da criança inicia-se por volta de um ano e meio, é a fase das garatujas; depois passa pela fase pré-esquemática e a seguir, pela fase esquemática. Na fase das garatujas, os rabiscos são projetados como um ato de busca pelo prazer do gesto. Seguidamente, ele se torna um ato de

prazer pelo efeito que o lápis, o pincel ou a caneta realiza no papel, na parede, no quadro etc.

A fase das garatujas estende-se até, mais ou menos, três anos e meio, quando a criança começa a dar nomes aos rabiscos. Aos poucos, os rabiscos ganham forma e se tornam figuras e formas reconhecíveis.



Figura 2 – Garatujas (Guilherme Riquito 1 ano)

Fonte: Site: <http://www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm>



Figura 3 – Garatujas (Marta Riquito 2 anos)

Fonte: Site: <http://www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm>

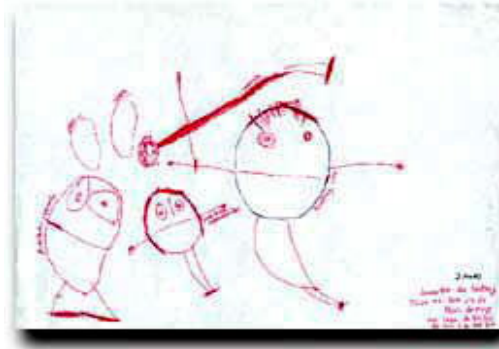


Figura 4 – Garatujas com formas reconhecíveis (Beatriz Riquito 3 anos)
 Fonte: Site: <http://www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm>

Segundo Aroeira (1996), na fase pré-esquemática, em geral, o primeiro símbolo que a criança desenha é a figura de uma pessoa, esta, com o tempo, vai evoluindo, tornando-se mais complexa. Antes, o que era apenas um círculo com duas retas, representando cabeça e corpo, vai recebendo novos componentes: rosto, cabelo, roupas etc. A representação da figura humana associa-se, muitas vezes, às pessoas da família, principalmente ao pai e à mãe.

Neste processo de evolução do desenho, o uso da cor é muito importante. As cores representam a diferenciação entre as figuras e novamente exibirão as experiências vividas pelas crianças. No desenho de algumas crianças, as cores utilizadas podem ser as “reais”, as dos objetos e das pessoas, mas, em outros desenhos, o professor poderá notar, por exemplo, que a árvore não é verde e marrom, como se costuma pintar. Nestes casos, é importante não interferir, exigindo que a criança pinte da outra forma, até porque, quando o ipê está florido, por exemplo, as copas das árvores ganham cores diferentes, ou seja, as folhas verdes são substituídas pelas flores brancas, amarelas, roxas etc. É preciso que a criança atue livremente no desenho, pois através dele ela está desenvolvendo suas percepções e as representando.

Nessa fase, os desenhos da criança aparecem de forma aleatória, sem nenhuma noção de espaço. Em relação ao espaço do corpo, a criança não se preocupa em representar o tamanho e as proporções convenientes das coisas, ao invés disso, o tamanho dos desenhos, entre si, são determinados por imperativos afetivos, ou seja, aquilo que tem maior significado para a criança, no momento, aparece maior no desenho.



Figura 5 – Fase Pré-esquemática (Beatriz Riquito 4 anos)
 Fonte: www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm



Figura 6 – Fase Pré-esquemática (Sebastião Machado 5 anos)
 Fonte: www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm

A fase esquemática revela que a criança, na fase dos 7 aos 9 anos de idade, utiliza a ordem das relações espaciais, ou seja, os componentes são colocados numa linha de base e o espaço da folha é preenchido com componentes que representam o céu, nuvens, neve etc.



Figura 7 – Fase Esquemática (Helena 2º ano)
 Fonte: www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm



Figura 8 – Fase esquemática (Filipa 3º ano)
 Fonte: www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm



Figura 9 – Fase esquemática (Mônica 4º ano)
 Fonte: www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm

O desenho é a atividade artística que a criança mais realiza. Através dele, a criança desenvolve habilidades motoras, expressivas e cognitivas e representa as experiências vividas e apreendidas no seu dia-a-dia. Segundo Aroeira (1996), neste momento a intervenção do professor é importante no sentido de orientar e acompanhar o desenvolvimento da criança. O professor tem a oportunidade, nessas atividades, de se aproximar de seus alunos e compartilhar experiências, buscando saber o que a criança representou e o que aquele desenho significa para ela. O desenho, assim, possibilita uma conexão entre o real e as representações, o que contribui para a elevação da criação. Desse modo, a criança passa a buscar novas possibilidades expressivas através do desenho.

No trabalho com desenhos, é preciso estar atento aos modos mecânicos de sua realização. Segundo Aroeira (1996), se o professor propõe à criança que copie uma figura ou que preencha os pontilhados, por exemplo, estará reforçando o modo mecânico e não estimulando a expressão própria da criança. Copiar desenhos prontos não é aconselhável, mas a repetição de atividades é importante. As crianças gostam de realizar as mesmas atividades e, segundo Reily (1993), a repetição faz com elas relembrem as técnicas que utilizaram, o que facilita a elevação do nível de sua construção artística.

Quando a criança produz de modo livre, ela está construindo, em si, segurança, está demonstrando a ela mesma que é capaz de inventar, explorar, combinar, criar e, ao mesmo tempo, passa a entender que, como qualquer pessoa, ela pode errar, não acertar sempre. De acordo com Reily (1993), nas atividades livres, não se deve, simplesmente, oferecer materiais, de modo aleatório, às crianças. O professor deve, ao propor uma atividade espontânea, sugerir as possibilidades de utilização dos materiais oferecidos, de modo que a criança possa escolher dentre as diversas opções.

Mesmo que o professor apresente um tema comum para todos, é importante que as crianças criem o seu próprio desenho, a partir de suas concepções de imagem, de suas vivências e experiências anteriores. É importante, também, que as crianças trabalhem de modo livre e que o professor não apresente modelos prontos, mas permita que elas inventem.

O desenho da criança expressa a sua subjetividade, carrega sentimentos, sentidos, por isso é importante que o professor propicie momentos para que as crianças expressem, pela fala, o que pretendem dizer através do desenho. Assim,

elas compreenderão que fazer arte é expressar sentimentos, opiniões, conhecimento. Neste sentido, Dias comenta:

Permitir que as crianças após realização do desenho possam comentá-lo, descrever suas características, suas intenções, além de perceber detalhes, assim como são capazes de percebê-los em outras situações: a preferência pela utilização de determinadas cores, a temática desenvolvida, a ocupação do espaço da folha; conhecer a produção do outro que alimenta o acervo de imagem de todo grupo (DIAS, 1999, p. 193-194).

Como ressalta a autora, momentos assim levarão as crianças a apreciar também o trabalho do outro e a conhecer outras formas de produzir, novas possibilidades de criação, o que propicia o desenvolvimento de atitudes de respeito pela subjetividade de seus companheiros de turma e pela diferença.

3.1.4 Ateliê

Segundo Aroeira (1996), atividades com artes exigem que um espaço seja preparado pelo professor, pois é preciso organizar os materiais, como pincéis, tintas, lápis de cor e de cera, canetinhas, papéis de vários tamanhos e cores, além de cola, tesouras, barbante, tecidos diversos, sucata, entre vários outros materiais que podem ser usados na elaboração de trabalhos artísticos. É importante que as crianças conheçam os materiais, familiarizem-se com eles, com as cores, com as texturas e com as diversas possibilidades de uso dos mesmos.

O Projeto IBM – KIDSMART BRASIL (s/d) apresenta a proposta dos Cantos de Atividades Diversificadas, para que as atividades artísticas sejam realizadas em um espaço próprio. Assim, no Canto das Artes Visuais, recomenda-se a organização dos materiais necessários para: modelagem, pintura, desenho, recorte e colagem, além de recursos imagéticos, como: fotos, imagens de obras de arte, de animais e objetos que as crianças podem utilizar como referência para suas produções. Deve-se, também valorizar o trabalho do aluno, por meio da exposição de suas produções, que podem ser apresentadas na sala de aula ou em outros espaços da escola.

Nas atividades de modelagem, assim como no desenho e na pintura, as crianças apresentam uma evolução de representação. No início, não têm muito controle, depois, elas começam a manifestar o desejo de fazer bolinhas e cobrinhas

e, assim, a massinha vai ganhando formas que mesmo irreconhecíveis para o adulto, são a representação do real, dentro das possibilidades da criança (DIAS, 1999).

As atividades de recorte e colagem, como rasgar, picar, recortar e colar exigem que a criança manuseie tesouras e use a cola, o que propicia o desenvolvimento de habilidades motoras. Tais atividades podem ser realizadas de modo mais livre por crianças maiores, porém, as crianças menores precisam do auxílio e da supervisão do professor quando foram usar tesouras e colas (DIAS, 1999).

3.1.5 Teatro

Para trabalhar teatro com as crianças de 0 a 6 anos, os jogos de faz-de-conta são grandes aliados. Em brincadeiras dessa natureza, as crianças têm a possibilidade de expressar-se com a voz e o corpo, incorporando emoções e sentimentos a essas manifestações. Nas atividades de faz-de-conta, as crianças assumem papéis, incorporam personagens e interagem em uma dinâmica de comunicação e improvisação.

Segundo Oliveira (2007), este trabalho se torna possível em propostas de dramatizações, em que, de início, faz-se necessário organizar cenários como casinhas, mercados, lojas, sala de aula, entre outros, que são temas próximos do cotidiano das crianças, ou até mesmo cenários do fantástico, ou seja, de contos de fadas, com princesas, monstros e animais que falam.

Em uma creche, as crianças de 3, 4 e 5 anos gostavam de ficar por muito tempo em uma área onde foi montado um supermercado em miniatura, classificando elementos – no caso, produtos naturais (como frutas e vegetais) e produtos industrializados (de limpeza, de higiene, de alimentação)... Em outras duas áreas da creche foram organizadas casinhas, uma delas permitia que as crianças assumissem papéis de membros de uma família humana. Sendo elas os próprios personagens dos enredos, utilizavam-se do corpo, além da voz, como recurso expressivo-comunicativo. Na outra eram dramatizados episódios da vida fantástica de uma família de ursinhos. Nessas situações as crianças podiam manipular os bonecos-personagens, emprestando-lhes a voz (OLIVEIRA, 2007, p. 232).

Nestes ambientes, as crianças assumem personagens com diferentes características físicas, de comportamentos e de personalidade. As atividades podem ser enriquecidas com fantasias e vestimentas, maquiagem, acessórios e máscaras que caracterizam os diferentes personagens. Nesse contexto, o papel do professor é supervisionar as dramatizações e dar apoio e condições para o avanço nas interpretações. Já em outros:

[...] supervisionam dramatizações realizadas pelas crianças para fazê-las avançar na construção de enredos mais longos, seja os criados por elas próprias, seja os tirados de histórias infantis ou contos de fada, levando-as a caracterizar de forma cada vez melhor os personagens com respeito a postura, voz, indumentárias, cenários e cenas.

A intervenção do professor deve basear-se em uma análise das situações de jogo produzidas pelas crianças, em relação tanto a seu conteúdo (temas, personagens, clima emocional, etc.) como a seus aspectos externos ou formais (normas, uso dos materiais, organização do espaço, modos de desempenhar os papéis como protagonista ou não, e outros) (OLIVEIRA, 2007, p. 234).

Moreno e Paschoal (2008) aconselham que se deixe à disposição das crianças um baú, uma caixa ou uma “arara”, com roupas e calçados diversos, que podem ser de adultos, e fantasias industrializadas de personagens de contos de fada e super-heróis, de modo que possam ser utilizadas para a criação de enredos para representações teatrais. Cria-se, assim, o canto da fantasia.

O teatro de fantoches também é uma importante atividade de representação, pois possibilita a criação de personagens, por meio da manipulação dos bonecos e do desenvolvimento de falas para eles, assim, exercita-se também a oralidade. Neste tipo de atividade pode-se usar, também, a música. Os fantoches possibilitam a produção de textos orais e a sincronia entre os movimentos dos bonecos e as falas. As próprias crianças podem construir histórias e contá-las através dos fantoches. Nesta atividade, as crianças irão inventar, improvisar, expressar-se e criar (NOVA ESCOLA, 2006).

Moreno e Paschoal sugerem:

Uma caixa, uma sacola, ou mesmo uma mala, mais uma vez servem para estimular a criatividade e o faz-de-conta das crianças, quando nessas encontram-se vários bonecos que ganham vida em nossas mãos, isto é, os fantoches e marionetes, tão fascinantes aos olhos e nas mãos infantis (MORENO e PASCHOAL, 2008, p. 129).

O teatro de fantoches alia a técnica de manipulação de bonecos à representação oral de textos, portanto, é uma atividade que pode ser explorada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir do 1º ano, como mostra o artigo “Personagens na palma da mão” da Revista Nova Escola Edição Especial – Arte. As atividades podem se iniciar com uma exposição do professor, que explica aos alunos que é preciso haver uma sincronia entre a fala, os movimentos do corpo do fantoche e as emoções; a representação, por parte das crianças, pode ser individual ou em dupla; para separar o público dos manipuladores pode-se colocar um tecido colorido feito de retalhos; os personagens podem ser fabricados de acordo com o enredo, sendo possível utilizar fantoches ou dedoches. Para esse trabalho, podem ser utilizados textos de lendas do Folclore Brasileiro. Primeiramente, as lendas devem ser lidas coletivamente, deixa-se que as crianças encenem as histórias e criem os personagens, utilizando os fantoches e os dedoches; desse modo, estarão compreendendo textos e desenvolvendo a expressão oral através da atividade teatral (NOVA ESCOLA, 2006).

3.1.6 Música e dança

Pallarés (1981) afirma que atividades que envolvem o ritmo e o movimento são importantes para o desenvolvimento físico e psíquico da criança. O movimento é algo que está estritamente ligado à natureza infantil.

De acordo com a autora, através das atividades rítmicas é possível desenvolver o ritmo, a postura, os movimentos livres e criativos e também a sociabilidade. Para o desenvolvimento de um trabalho rítmico com crianças, a autora sugere a utilização do canto, da música e da dança, além, é claro, de várias outras atividades que possibilitem o movimento. Porém, enfatiza-se, aqui, as atividades que envolvem a música e a dança, pois estas contribuem muito para o desenvolvimento das crianças na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Por meio do recurso educativo rítmico, a criança expressa, com facilidade, a sua maneira particular de ser, sentir e pensar, o que propicia o desenvolvimento da personalidade e da autonomia, a socialização, a formulação de conceitos cognitivos e o aprimoramento dos movimentos físicos e respiratórios.

Como instrumentos de atividade rítmica, o canto e a música podem ser bastante utilizados na educação infantil. Conforme Pallarés:

Com sua prática se pretende oportunizar à criança vivências de tempo, duração de sons, por meio do acento dos movimentos, utilizando deslocamentos naturais, canções, percussão com instrumentos ou utilizando o próprio corpo, palavras e frases ritmadas (PALLARÉS, 1981, p. 10).

Uma atividade que pode ser desenvolvida é a confecção de instrumentos, como tambores, pandeiros, maracas, pelas próprias crianças, a partir de sucatas, como cocos, sementes, caixas, pedras e outros materiais disponíveis. Assim, as crianças produzirão sons a partir de objetos por elas fabricados e reconhecerão os diferentes ritmos. Neste sentido, Ávila e Silva ressaltam que:

É importante que o ritmo vivido pela criança seja aquele que ela mesma criou e só então o movimento ou o som que ela executa têm um traço de dinamismo, alegria e interesse. Essas experiências objetivam proporcionar situações que permitam o aprimoramento a sensibilidade auditiva e senso rítmico (ÁVILA e SILVA apud PALLARÉS, 1981, p. 10)

As brincadeiras de roda assumem grande importância por levar à formação do círculo, situação em que o grupo pode se comunicar frente a frente. Dando-se as mãos, as crianças formam um todo. Cantam, dançam ou tocam juntas; criam e seguem regras, exercitando textos e movimentos de forma coletiva, desenvolvendo a socialização e unidade de grupo. Por meio do movimento rítmico-musical, o controle da motricidade acontece de forma natural e precisa. O ritmo leva a ordenação do pensamento, e suas características de organização do tempo exigem das funções celebrais maior agilidade e maior presteza (ÁVILA e SILVA, 2003, p. 78).

Segundo Ávila e Silva (2003), como elemento musical, o ritmo pode ser entendido pelas crianças através da pulsação do coração, às vezes acelerado e às vezes calmo, lento. Após perceberem que o pulsar do coração possui ritmo assim como a música, é possível que o professor trabalhe o ritmo através de jogos, tais

como: cada criança diz o seu nome, uma de cada vez, enquanto o professor marca as pulsações com palmas ou utilizando um instrumento como tambor, pandeiro etc.

Outra sugestão das autoras é que os alunos sentem em círculo e passem um objeto para o colega da direita, ao estímulo de uma canção, podendo esta ter um ritmo moderado ou lento, como, por exemplo, a canção Escravos de Jó. Porém, é importante que se observe se os ritmos condizem com a capacidade motora dos alunos, se estes forem da educação infantil.

No desenvolvimento de atividades rítmicas, os gestos e a dança também podem estar presentes na realidade e no cotidiano infantil. Conforme Pallarés (1981), as atividades rítmicas objetivam o desenvolvimento da atenção, da concentração, do sentido de espaço, e de hábitos de sociabilidade. O ideal é que as danças tenham movimentos fáceis, vivos e bem marcados.

Além destas atividades com a música, a apreciação musical possibilita às crianças, a audição e a interação com gêneros, estilos, épocas e culturas diversas. Moreno e Paschoal (2008) apresentam sugestões de trabalho com a apreciação musical, através de álbuns como:

- Adriana Partimpim, em que se destacam faixas como Assim Sem Você, Formiga Bossa Nova, além de faixas de outros intérpretes, como Oito Anos, de Paula Toller, Ciranda da Bailarina, de Edu Lobo e Chico Buarque, entre outras.
- O DVD Toquinho no Mundo da Criança, que traz animações como Aquarela, O pato, A Casa e A Bicicleta. O CD apresenta além dessas músicas citadas, O Caderno, O Pingüim, Herdeiros do Futuro, Era Uma Vez, A Pulga, Errar é Humano, Valsa Para Uma menininha, e Mundo da Criança.
- Saltimbancos, de Chico Buarque, um trabalho em DVD que traz canções com participações especiais, entre elas, Os Trapalhões.
- O CD Palavra Cantada na Escola, de Sandra Peres e Paulo Tatit, compõe-se de faixas como A Cidade Ideal, Bicharia, História de Uma Gata, Todos Juntos, Um Dia de Cão/ O Jumento/ A Galinha, Hollywood, Minha Canção, O Caderno, Abertura do Circo, João e Maria, Velho Amigo, Morena de Angola, Ciranda da Bailarina, Você Você e Bicharia (reprise).

3.1.7 Poesia

Um trabalho possível de ser realizado na educação infantil e no ensino fundamental é a leitura e a elaboração de poesias, outra forma de arte, importante na cultura, porém um pouco esquecida na sociedade.

Segundo Abramovich (2001), nas atividades com as formas poéticas, os poemas devem ser lidos em voz alta, com a entonação correta, de modo que possam transmitir às crianças, as emoções embutidas em sua criação. Antes de ler um poema para um grupo de crianças, a professora deve lê-lo várias vezes, experimentá-lo, conhecê-lo, para que possa transmitir a emoção e os sentidos despertados pelo mesmo.

Fronckowiak (2008) relata uma experiência de leitura poética na Educação Infantil, em que poemas autorais que traziam como tema seres extraordinários, tais como fantasmas, vampiros, sereias e monstros, foram selecionados. Os poemas eram lidos, semanalmente, para as crianças, e repetidos pelas professoras quando solicitados pelas crianças. Quando todos os poemas já tinham sido lidos, as crianças foram entrevistadas, nesta entrevista, foi solicitado às crianças que dissessem qual era o seu poema favorito e que o declamassem, caso quisessem, e que comentassem a sua experiência ao ouvir o poema preferido.

Dentre os poemas lidos e as preferências das crianças, destacaram-se o poema Lili e o Telefone, de Elias José, Poema 1 (Frankenstein) e Poema 2 (Vampiro), de José Paulo Paes, no livro *É isso ali: Poemas Adulto-infanto-juvenis*.

Lili e o telefone

1. *Mal tocava o telefone,*
2. *Lili corria pra atender.*
3. *Só sabia falar: – Alô! Alô!*
4. *Qual é o seu nome?*
5. *E ficava naquele alô, alô danado,*
6. *sem chamar quem foi chamado.*
7. *Um dia, foi atender,*
8. *como sempre apressadinha,*
9. *e saiu daquele alô, alô:*

10. – *Aqui é Lili. Aí, quem fala?*
 11. *A fala falou grosso,*
 12. *do outro lado da linha:*
 13. – *Quem fala é o fantasminha!*
 14. *Hahahahá, é o fantasminha!*
 15. *Agora, se o telefone toca,*
 16. *Lili nem se toca*
 17. *ou fica meio encolhidinha.*
 18. *Tem vontade de atender, mas...*
 19. *e se for o fantasminha?!*

1

1. *Por ter sido criado em laboratório,*
 2. *Frankenstein não teve mãe.*
 3. *Isso lhe dava complexo,*
 4. *especialmente no dia das mães.*
 5. *Nesse dia, voltou ao laboratório*
 6. *e pediu uma mãe biônica.*
 7. *Quando a viu pronta, ficou tão encantado*
 8. *e a abraçou com tanto amor*
 9. *que a sufocou. Antes de morrer, a mãe*
 10. *disse ainda, num suspiro:*
 11. *"Como é doído...*
 12. *ser mãe...*
 13. *de Frankenstein..."*

2

1. *Era uma vez um vampiro*
 2. *tão bem-educado, mas tão bem-educado,*
 3. *que toda vez que sugava*
 4. *o sangue de uma pessoa*
 5. *não esquecia de dizer: "Muito obrigado".*

Borba e Goulart (2007) citam o projeto Pequenos Poetas de Atalanta/SC, que consistia em trabalhar a apreciação de poesias no sentido de ultrapassar a concepção de rima e sílabas contadas; pretendia-se despertar a emoção, uma forma diferente de ler e enxergar o mundo. O projeto foi desenvolvido com crianças de 8 a 10 anos.

Este tipo de trabalho pode ser realizado de formas variadas, mas, como ressaltam as autoras, é imprescindível que, de início, as crianças conheçam diversas poesias de vários poetas, para que possam identificar diferentes características e formas de produção. Esta atividade instiga a criança a pesquisar e buscar outros artistas e outras poesias. A partir de então, como as crianças já compreenderam as características da poesia, pode-se propor que elaborem um livro com uma seleção de poemas produzidos por elas mesmas. Segundo Borba e Goulart (2007), essa é uma atividade que leva a criança a pensar, agir, dizer, fazer, expressar e compreender a vida com novas formas.

Em síntese, considerando-se os limites deste estudo, as orientações e as sugestões, aqui apresentadas, têm o objetivo de contribuir para que o trabalho com artes, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, possa ser desenvolvido de modo a melhor atender às exigências de formação do homem na sua integralidade, como propõem os documentos que estabelecem as diretrizes educacionais para os tempos atuais. Porém, as possibilidades do trabalho com artes para esses níveis de ensino são inúmeras, podendo o professor utilizar de sua criatividade para criar outros recursos para propiciar aos seus alunos o conhecimento e a vivência da Arte, considerando-a como área de conhecimento importante para o desenvolvimento global da criança e como meio eficiente para uma educação mais rica e criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho foi bastante gratificante, pois possibilitou a busca sobre um assunto que sempre me causou curiosidade no decorrer da graduação, em que a intenção de pesquisar e realizar um trabalho nesta perspectiva sempre esteve presente.

O levantamento de fundamentos para a defesa da utilização da arte na educação de crianças proporcionou-me prazer e o desejo de buscar ainda mais, de conhecer o assunto e suas especificidades, objetivando o crescimento pessoal e profissional.

Ler e conhecer a função da arte na educação propicia um vasto enriquecimento, passa-se a entender a contribuição e a importância da mesma na vida das pessoas em geral, sejam elas crianças, jovens, adultos ou idosos. A arte favorece o contato das pessoas com a própria cultura e também com outras culturas.

Um trabalho de pesquisa é sempre instigante, pois propicia ao pesquisador uma ampliação de conhecimentos. Pode-se perceber, também, que a leitura, no processo acadêmico, é uma atividade fundamental e formadora, e a escrita é o registro das ideias que foram apreendidas. Este trabalho funcionou como uma oportunidade muito válida para se adentrar nesta complexa e desafiadora atividade que é a pesquisa.

Os objetivos propostos foram alcançados, pois as ideias dos autores pesquisados dialogaram umas com as outras e responderam às questões levantadas, ou seja, a arte é importante para o processo de educação de crianças de 0 a 10 anos, porque possibilita um caminho de superação do ensino mecanizado, voltado à codificação e à cópia de informações, e abre um leque de possibilidades de incorporação de valores, sentidos, fantasias, cores, alegria e vida.

Assim, foi pensando nos professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que se buscou apresentar sugestões de projetos de arte para serem utilizados junto às crianças. Considera-se que, além da família, os professores são os principais interventores no processo de educação da criança.

Uma pesquisa científica sempre gera contribuições para a vida de qualquer profissional. A pesquisa sobre a arte na educação de crianças pode trazer as

respostas e as propostas necessárias para a atuação do docente que considera o ensinar como uma forma de provocar o criar, o fazer, o buscar, o analisar, o interpretar e o expressar, e não apenas como uma mera transmissão de conteúdos, sendo este, um pedagogo, um professor ou qualquer outro profissional envolvido na educação de crianças.

Segundo Freire (1996, p. 97), *“O espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito”, e “reescrito”.*”, assim, a educação é uma área em que, a todo instante, constrói-se, destrói-se, e se reconstrói novas formas de desenvolver a maneira de educar. Ela é repleta de desafios e questões que necessitam ser superados para que o trabalho obtenha bons resultados.

Mesmo diante dos inúmeros impedimentos presentes nas escolas, da desvalorização da arte como área de conhecimento, e da desvalorização do professor, que não é compreendido como agente de transformação social, acredita-se que nada será possível se nada se fizer pela educação.

É importante ressaltar que não se exclui a responsabilidade do poder público para com a educação, este, tem sim o dever de dar seguridade de uma educação de qualidade para nossas crianças, porém, se o professor não cuidar do seu espaço de trabalho, se não o organizar e não o considerar importante, ninguém o fará por ele. Indo mais além, ele não progredirá, ou seja, não alcançará o objetivo de uma educação significativa para as crianças, mesmo que esta seja um direito.

Conclui-se, assim, que o professor pode construir, junto com seus alunos, um espaço fecundo de possibilidades de conhecimentos, de vida e de sonhos, um espaço onde as crianças podem viver profundamente a sua infância, com autonomia e criatividade, de forma ativa e responsável.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Como desenvolver o potencial criador: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo**. Rio de Janeiro: Elzevier, 2003.
- AROEIRA, Maria L. Campos; SOARES, Maria I. B; MENDES, Rosa E. de A. **Didática de pré-escola/ Vida Criança: Brincar e aprender**. São Paulo: FTD, 1996.
- ÁVILA, M. B.; SILVA, K. B. À. A música na educação infantil. In: NICOLAU, M. L. M; DIAS, M. C. M (orgs). **Oficinas de sonho e realidade: Formação do educador da infância**. Campinas: Papyrus, 2003.
- BESSA, Marylda. **Artes plásticas entre as crianças**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972.
- BORBA, Ângela Meyer; GOULART, Cecília. As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. 2 ed. Brasília, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF. V. 3, 1998.
- BRASIL. MEC. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais (1ª a 4ª Séries): Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DIAS, Karina Sperle. Formação estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER, Sonia; GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. (Orgs.). **Infância e Educação Infantil**. Campinas: Papyrus, 1999, p. 175-201.
- DUARTE JR., João Francisco. **Por que arte-educação?** 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1985.
- FILHO, Aristeo Leite. Proposições para uma educação infantil cidadã. In: GARCIA, Regina Leite; FILHO, Aristeo Leite (orgs). **Em defesa da educação Infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRONCKOWIAK, Ângela Cogo. **Como andar sem poesia?** Reflexão e Ação. V. 16, n. 01. Santa Cruz do Sul, 2008, p.68-83.

GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. História, cultura e expressão: Fundamentos na formação professor. In: KRAMER, Sonia; GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. (Orgs.). **Infância e Educação Infantil**. Campinas: Papyrus, 1999, p. 159-174.

GULLAR, Ferreira. **Sobre arte, sobre poesia** (uma luz no chão). Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KEHRWALD, Izabel Petry. Ler e escrever em artes visuais. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt. (Org.). **Ler e Escrever. Compromisso de todas as Áreas**. 8ª ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2007.

KETZER, S. M. A criança, a produção cultural e a escola. In: JACOB, S. (Org.). **A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 11-27.

KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de Educação Infantil e Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

LOPES, Marcell Ribeiro Castanheira. Descompasso: da formação à prática. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria I.; NUNES, Maria F.; GUIMARAES, Daniela (orgs.). **Infância e educação infantil**. São Paulo: Papyrus, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação – abordagem qualitativa**. São Paulo. EPU, 1986

LUNA, W.; BISCA, J. Fazendo artes com a natureza. In: NICOLAU, M. L. M.; DIAS, M. C. M. (orgs). **Oficinas de sonho e realidade: Na Formação do educador da infância**. Campinas: Papyrus, 2003.

MACEDO, Neuza Dias de. **Iniciação à Pesquisa Bibliográfica: Guia do Estudante para a Fundamentação do Trabalho de Pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARTINS FILHO, A. J. Culturas da infância: traços e retratos que a diferenciam. In: _____. (Org.). **Criança pede respeito: Temas em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005, p.13-26.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Criatividade, personalidade e educação**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2000.

MORENO, G.L.. Comunicação **Significativa entre a criança e a Arte**. Revista do Professor. Abril/Junho, 2007, ano XXIII, N.90 ISSN 1518-1839.

_____. **Pressupostos Epistemológicos na educação infantil:** O lúdico, a construção do conhecimento e a prática pedagógica em uma pré-escola. UEL, 2001. Dissertação de mestrado.

_____; PASCHOAL, J. D. Quem quer brincar...”põe o dedo aqui, que já vai fechar”...In: PASCHOAL, J. D.; BATISTA, Cleide V. M.; MORENO, G, L (Orgs). **As crianças e suas infâncias:** o brincar em diferentes contextos. Londrina: Humanidades, 2008.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Psicologia da arte.** Porto alegre: Sulina, 1976.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007.

PALLARÉS, Zaida M. **Atividades rítmicas para o pré-escolar.** Porto Alegre: Redacta-Prodil, 1981.

PERSONAGENS NA PALMA DA MÃO. **Edição Especial Nova Escola Arte.** Fundação Victor Civita. São Paulo: Editora Abril, dez.2006.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** Tradução: Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

PROJETO IBM-KIDSMART. **Cantos de atividades diversificadas.** Brasil, (s.d). Disponível em <www.formaremrede.org.br/v/biblioteca/cantos_ativ_diversif_final.pdf>. Acesso em 27/06/2009.

REILY, Lúcia Helena. **Atividades de artes plásticas na escola.** São Paulo: Pioneira, 1993.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: Evolução Histórica e Atualidades.** 2 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

SANTORO, L. B. **Arte-educação: uma luta por um ensino menos mecanizado.** Criança, Brasília, p. 11-13.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Questões epistemológicas da pesquisa sobre a prática docente. In: **Encontro Nacional de Didática e Prática de ensino - Educação Formal e Não-formal, processos formativos e saberes pedagógicos:** desafios para a inclusão social. Recife: ENDIPE, 2006.

TOZETTO, Henriqueta Kubiak. **Educação musical:** a atuação do professor na Educação infantil e Séries Iniciais. Curitiba: UTP, 2005. (Série Dissertações; 1).